

EL SIGLO DEL VIENTO DE EDUARDO GALEANO: ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Liana Márcia Gonçalves Mafra (IFMA)¹

Resumo: O artigo tece considerações acerca do entrelaçamento entre Literatura e História, nas narrativas de Eduardo Galeano, autor da obra *Siglo del Viento* (1986), da trilogia *Memoria del Fuego*, com foco nas narrativas sobre os regimes autoritários da América Latina, no período de 1960 a 1980. A partir da historiografia e da literatura enfoca-se os abusos e os autoritarismos dos regimes e de como Eduardo Galeano narra as histórias dos crimes cometidos, tendo a memória como ponto fundamental para a recomposição do passado, preservando-o do silenciamento e do esquecimento.

Palavras-chave: Literatura; História; Ditadura; Memória.

O artigo propõe-se a apresentar parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História Ensino e Narrativas, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA-PPGHEN), que se voltou para as narrativas do escritor uruguaio Eduardo Galeano, no entrelaçamento entre literatura, história e memória, especificamente o último livro da trilogia *Memoria del fuego – Siglo del Viento*², publicado em 1986 –, cujos temas representados na obra abordam os fatos sociais, políticos e históricos ocorridos na América Latina durante os períodos das ditaduras militares. Para produção de *Memoria del fuego*, foram oito anos de leitura e escrita, em seus dias de exílio, pesquisando nas bibliotecas europeias, traçando um painel vivo da história da América nos últimos quinhentos anos, em uma inclassificável mistura de gêneros que violam todas as regras e as convenções literárias e historiográficas.

A trilogia *Memoria del Fuego* é formada por *Los nacimientos* (1982), *Las caras y las máscaras* (1984) e *El Siglo del Viento* (1986). Na trilogia, com lirismo e crítica, Galeano compôs a sua versão da história da América, desde suas origens até o presente (1984), utilizando fragmentos heterogêneos, oferecendo-nos uma *visão dos vencidos*. O volume final da trilogia, *El Siglo del Viento*, publicado pós-exílio, compreende as narrativas do século XX, de 1900 a 1984, composta de pequenas histórias – viñetas –, baseadas em 475 fontes documentais, que contam as turbulentas histórias do século passado na América, sobretudo, e o que interessa aqui mais diretamente, as narrativas concernentes às ditaduras militares, dos anos de 60-70-80.

¹ Graduada em Letras (UFMA), Mestre em História, Ensino e Narrativas (UEMA). Contato: lianamafra@ifma.edu.br.

² *El Siglo del Viento*, especificamente, possui 520 vinhetas, tendo como apoio 475 fontes oficiais, denotando uma alta fragmentação, contudo a obra é composta em um mosaico homogêneo e compacto, na qual cada pessoa tem um rosto, um nome, uma experiência.

Siglo del Viento: história e literatura

Nas décadas de 60-70-80, alguns países do Cone Sul da América Latina passaram pela experiência de *viver* sob o jugo de ditaduras militares, que adotaram a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) como fator crucial para a política coercitiva do Estado, colocando como premissa principal a Segurança Nacional e, desse modo, legitimando as práticas terroristas do Estado. A proliferação de regimes cerceadores começou com o Brasil em 1963, depois Argentina em 1966 e em 1979. No Chile em 1973 e Uruguai em 1976. Em maior ou menor grau sob influência da DSN, nesse período, vários outros países da região foram submetidos a regimes autoritários, onde censurar, isolar, reprimir quem não se alinhava ao sistema foram práticas rotineiras.

As ditaduras na América Latina apresentaram-se como *Estados de Exceção*, suspendendo direitos e deveres constitucionais com ações repressivas e violentas, onde a voz era censurada e isolada, desaparecimentos e mortes eram comuns e não esclarecidos. O regime, como estado de exceção, segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben (2004, p.12), “apresenta-se como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal”, sendo a suspensão da ordem jurídica, de total ou parte da constituição, configurando-se como “terra de ninguém, entre o direito público e o fato político e entre a ordem jurídica e a vida.” Para Agamben (2004, p.13), o estado de exceção tem como uma de suas características essenciais a indistinção entre o que é poder legislativo, executivo e judiciário. O totalitarismo moderno configura-se como estado de exceção, com aproximação à guerra civil legal, a insurreições, resistências, onde é permitida “a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político.”

Desse modo, partindo da faculdade de um soberano decidir sobre a vida e a morte das pessoas, anulando direitos constitucionais e individuais, concebe-se as ditaduras no Cone Sul como estados de exceção, considerando que esses regimes totalitários surgem na *pretensão* de assegurar a ordem temporariamente e atuam como estado permanente, como ocorreu com a ditadura no Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Chile. Nestes e em outros países, os regimes militares atuavam com práticas semelhantes, sobretudo, sob aqueles que não se integravam ao regime e eram submetidos a um controle e regulação, tendo, desse modo, suas ações diminuídas, reprimidas, silenciadas, tornando-se inimigos internos, terroristas, que na concepção do general Videla “*no son sólo*



quienes ponen bombas, sino también quienes activan con ideas contrarias a nuestra civilización occidental y Cristiana.” (GALEANO, 1986, p.210)

Nesse contexto, o Estado utiliza métodos totalmente ilegais para reprimir indivíduos ou grupos que não se enquadram nas regras do regime, como parte da metodologia da política do Terror de Estado. Fato destacado por Franco (2003, p. 353) quando afirma que nas catástrofes na América Latina os direitos civis foram ignorados, ocasionando “políticas de extermínio premeditado de contingentes de opositores, em massacre dos humilhados”, vivendo em constantes ameaças, repressão e censura arbitrária. Galeano (1986, p.209) pontua bem a política de extermínio da ditadura uruguaia na vinheta *Setenta e cinco métodos de tortura*: “algunos copiados, otros inventados por los creativos militares uruguayos, castigan la solidaridad. A la cárcel, la fosa o el exilio va a parar quien dude del derecho de propiedad y del deber de obediencia.” Com ironia, coloca que o medidor de perigo, perigômetro, divide os cidadãos em três categorias A, B, C³, segundo sejam perigosos, potencialmente perigosos ou não perigosos. Os sindicatos são transformados em delegacias e os salários caem a metade. Quem se arrisca a pensar perde o emprego. Só se permitem nas escolas textos sobre a pedagogia militar. A tortura também era um método da repressão, em geral, sendo sequência de sequestros, prisão. Esta prática de destruição física, moral e psíquica tinha como fim obter informação.

Segundo Padrós (2013), a fase de consolidação da ditadura uruguaia é determinada pela “ordem disciplinadora sobre o conjunto da sociedade – ‘poner la casa em orden’ –, pelo início da violenta repressão contra a comunidade exilada na Argentina” (PADRÓS, 2013, p.84) e a disputa do projeto autoritário de Bordaberry e da cúpula militar. Aqui é o momento em que o Uruguai participa da *Operação Condor*. Este período também tem como marcas proibições de atos e reuniões sindicais, assim como a declaração da ilegalidade de sindicatos e partidos políticos; perseguição a

³ KOVACIC, (2015, p.252) menciona uma classificação dos cidadãos, conforme suas ações e posicionamentos: em *Fórmula 1* colocavam aqueles que possuíam antecedentes ideológicos marxistas; um nível acima era *Fórmula 2* “que revestían quienes sus antecedentes ‘no permiten calificarlos desfavorablemente desde el punto de vista ideológico marxista.’”; O *Fórmula 3* são aqueles que possuíam “algunos antecedentes ideológicos marxistas pero los mismos no son suficientes para que se constituya en un elemento insalvable para su nombramiento, promoción, otorgamiento de beca.” E como *Fórmula 4* estavam classificados aqueles alvos da ditadura. A quem não se podia empregar, promover e nenhum benefício na administração pública. Galeano estava classificado em *F4*, com alto nível periculosidade, juntamente com outros jornalistas, artistas, intelectuais, comunicadores. Schelotto (2015) menciona também uma classificação para vigilância que dividia os grupos em “A”, “B” y “C”, de acordo com o grau de perigo que apresentasse ao regime.

políticos opositores ao regime, ocasionando em prisões e/ou exílio forçados; a imprensa também foi alvo de censuras, com perseguição a escritores e jornalistas. Sobre o semanário *Marcha*, Padrós (2013, p.86) afirma que “foi definitivamente proibido após desgastantes clausuras temporárias. Muitos dos seus integrantes foram presos, condenados ao ostracismo e/ou obrigados a exilar-se diante de ameaças de novas prisões ou de morte”. Padrós (2013) dá o exemplo do vice-diretor do semanário, o jornalista Julio Castro⁴, que foi sequestrado, desaparecido em 1977. Só encontraram seus restos mortais em 2011, enterrados dentro de um estabelecimento militar. Este período coincide com a saída de Eduardo Galeano do Uruguai para o exílio na Argentina.

Em *El Siglo del Viento*, Galeano recorda o que passou ao jornalista Julio Castro e à revista *Marcha*, como ações da ditadura, através de fechamento de meios de comunicação e desaparecimento de pessoas.

1976⁵ Montevideo

Los reducidos de cabezas

Dedicados a la prohibición de la realidad y a la quemazón de la memoria, los militares uruguayos han batido el récord mundial de clausuras de periódicos. El semanario “Marcha”, de larga vida, ya no existe. A uno de sus redactores, Julio Castro, lo han matado en la tortura. Después, muerto sin cadáver, lo desaparecieron. Los demás redactores han sido condenados a la cárcel, el destierro o el silencio. Hugo Alfaro, crítico de cine condenado al silencio, ve una noche una película que lo entusiasma. No bien termina corre a su casa y teclea unas cuantas cuartillas, muy apurado porque se ha hecho tarde y

⁴ Segundo Oviedo (2001), um dos maiores crimes da ditadura uruguaia afetou profundamente uma instituição coletiva e, em consequência, as pessoas que dela faziam parte. Refere-se ao semanário *Marcha*, fundado em 1939 por Carlos Quijano (1900-1984) e fechado em 1974. *Marcha* nasceu como órgão de luta contra o fascismo. Menciona os nomes importantes para o semanário como Onetti, Rodríguez Monegal, Angel Rama. Oviedo destaca que poucos nomes da literatura uruguaia, latino-americana e europeia não publicaram em *Marcha* ou foram comentados nela. O Semanário ensinou várias gerações a escrever, a ler e a pensar. Os últimos anos da revista foram agitados e difíceis, quando a crise uruguaia e continental se aprofundou e tornou-se em um meio que não tolerava a menor crítica. *Marcha* foi fechada, censurada e perseguida diversas vezes pelo regime militar, até que encontraram um pretexto ridículo para fechá-la definitivamente: *Marcha* tinha organizado um concurso de contos com um júri presidido por Onetti e cujo ganhador foi Nelson Marra com “Él guardaespaldas” (O guarda-costas). No dia seguinte da publicação, Quijano, Onetti, Marra, Hugo Alfaro y Julio Castro, encarregados da redação do semanário, foram presos por vários meses e submetidos a vexames. Marra não recuperou a liberdade nesse período e passou cinco anos encarcerado. Não se ouviu mais falar de Julio Castro. Os demais foram exilados para a Espanha e México. Outros, como Carlos Quijano, morreram sem poder voltar ao seu país. Em *El Siglo del Viento*, Galeano (1986, p.207) recorda o seu companheiro, que está no exílio em Madri, desde que saiu da cadeia. “Los militares que mandan en el Uruguay lo habían metido preso, porque no les gustó un cuento que él había premiado en un concurso. Con las manos en la nuca, el desterrado contempla las manchas de humedad del techo de su cuarto de Santa María o Madrid o Montevideo o quién sabe. A veces se levanta y escribe alaridos que parecen susurros.”

⁵ Nas citações das vinhetas de *El Siglo del Viento* vamos manter a estrutura produzida por Galeano, com data, local e título.



mañana bien tempranito el taller de “Marcha” cierra las páginas de espectáculos. Al poner el punto final, Alfaro advierte, de pronto, que “Marcha” no existe desde hace dos años. Avergonzado, deja caer la crónica en un cajón de su escritorio. Esta crónica escrita para nadie comenta una película de Joseph Losey sobre los tiempos de la ocupación nazi en Francia, que muestra cómo la máquina de la represión tritura a los perseguidos y también a los que se creen a salvo, a los enterados y también a los que prefieren no saber. Mientras tanto, en la otra orilla del río de la Plata, los militares argentinos dan su golpe de Estado. Uno de los jefes de la nueva dictadura, el general Ibérico Saint-Jean, anuncia:

—*Primero mataremos a todos los subversivos. Luego mataremos a los colaboradores. Luego, a los simpatizantes. Luego, a los indecisos. Y por último, mataremos a los indiferentes.* (GALEANO, 1986, p.209-210)

O segundo período do regime vai de 1976 a 1980 e tem como marcas principais o controle que o regime exerce sobre a ordem social e política interna, “o que lhe permite desencadear uma série de medidas com o intuito de consolidar mudanças modeladoras da nova ordem institucional, a partir da imposição de estruturas políticas decorrentes da interpretação das diretrizes gerais da Doutrina de Segurança Nacional (DSN).” (PADRÓS, 2013, p.84). Nesta fase, os militares exigiram a extinção de todos os partidos políticos com atuação nos últimos anos, contudo o presidente Demicheli não concordou, ocasionando uma divergência pontual entre eles. Como consequência, o presidente foi substituído pelo jurista membro do Conselho do Estado, Aparício Méndez, em 1976, que “assinou, sem maiores constrangimentos, o Ato Institucional nº 4, pelo qual se excluía da vida política do país, por um prazo de 15 anos, cerca de 15 mil cidadãos.” (PADRÓS, 2013, p.98). Ainda em 1976, o Ato Institucional nº 5 reduziu a vigência dos direitos humanos às exigências internas; e em 1977, o Ato Institucional nº 7 criou instrumentos de destituição para vários funcionários do Estado. É o momento em que o regime dissemina seus princípios à sociedade, “através de um programa orgânico que, transformado em projeto constitucional é colocado sob o crivo plebiscitário da cidadania, que o rejeita.” (PADRÓS, 2013, p.84) Tal fato causou grande surpresa e assinalou a passagem para a próxima e última fase, 1980-1985, que se apresenta como período de transição e negociações, abrindo espaço, lentamente, para um diálogo que permitiu avançar, mais adiante, para a redemocratização do país. (PADRÓS, 2013; SCHELOTTO, 2015).

Do exílio, Galeano e seus compatriotas latino-americanos comemoraram a derrota da ditadura uruguaia de convocar plebiscito para modificar a Constituição de 1967 e se



manter no poder. (KOVACIC, 2014) Foi um sinal negativo para os militares e o começo de uma nova etapa. Esse acontecimento foi lembrado por Galeano em *El Siglo del Viento*.

1980
Montevideo

Pueblo que dice no

La dictadura del Uruguay convoca a un plebiscito y pierde.
Pareía mudo este pueblo obligado a callar; pero abre la boca y dice no.

Clamoroso había sido el silencio de estos años, que los militares confundieron con resignación. Ellos no se esperaban una respuesta así. Al fin y al cabo, preguntaron por preguntar, como un cocinero que manda que las gallinas digan con qué salsa desean ser comidas. (GALEANO, 1986, p.230)

Nesse contexto, uma modalidade repressiva muito comum foi a política de desaparecimento, deixando marcas até hoje. E esta política, segundo Padrós (2007), teve um grande impacto e eficiência na América Latina, como método de Terror do Estado. Esta metodologia repressiva refere-se a um desaparecimento *forçado*, “o qual consiste no seqüestro ilegal e clandestino de pessoas praticado por órgãos governamentais (Forças Armadas e Polícia).” Mas o Estado se exime da responsabilidade de todos os atos “e o Poder Judiciário recusa as denúncias realizadas por parte da sociedade.” (PADRÓS, 2007, p.107) E como o desaparecido não sumiu por vontade própria, o ato foi gerado por uma situação ilegal. Com o fim das ditaduras, vários desaparecidos não foram encontrados nas prisões, nem voltaram para casa com as leis de anistia. Segundo Padrós (2007, p.108), tal fato evidenciou que muitos detidos pelo Estado haviam deixado de existir. “Passaram, então, a ser identificados e denominados como desaparecidos no sentido estrito ou, simplesmente, “os desaparecidos”.

No processo de restauração da democracia, a figura do desaparecido passou a ser sinônimo de morte violenta, ou seja, ficou exposto que os desaparecidos foram sequestrados, torturados e executados pelo Estado, deixando explícito para a sociedade que essas execuções foram uma das posturas ilegais com que agiu o Estado de Segurança Nacional, baseando-se na premissa básica da política do desaparecimento, na qual “se não havia um corpo, não havia vítima; e se não havia vítima, não havia crime.” Isto isentava o Estado de suas responsabilidades diante da sociedade e diante dos familiares da vítima.



Guatemala foi o primeiro país da América Latina, nos anos 60, onde esta prática foi aplicada, deixando mais de duzentas mil pessoas mortas e quase trinta mil desaparecidas. Funcionou com um “laboratório” que depois foi repetido em vários outros países. (PADRÓS, 2007). Referindo-se à realidade de Guatemala, associando com a prática também realizada tempo depois na Argentina, Eduardo Galeano (2011, p.09), no relato *Hace diez años, yo asistí al ensayo general de esta obra*⁶, também considera Guatemala como o primeiro laboratório latino-americano para aplicação da guerra suja, treinados e orientados pelos Estados Unidos. E a Argentina, tempo depois, seguiu a mesma prática de desaparecimentos: “El terror sale de las sombras, actúa y vuelve a la oscuridad. Los ojos enrojecidos en la cara de una mujer, una silla vacía, una puerta hecha astillas, alguien que no regresará: Guatemala 1967, Argentina 1977.”

Nesta narrativa, Galeano, quando expõe que as pessoas são retiradas de suas casas, jogadas em terrenos baldios, furadas de tiros, mutiladas, queimadas, registra atos rotineiros naquele momento, comuns na Guatemala, na Argentina, no Uruguai, no Brasil. E esses corpos desaparecidos, na narrativa de Galeano, eram encontrados em rios, no mar, enterrados clandestinamente. Na Guatemala, em 1967, já não se podia pescar na zona Gualán, pois as redes traziam corpos, assim como, naquele momento, a maré do rio da Plata “devuelve pedazos de hombres”. Com ironia, Galeano expõe que em 76 a pena de morte foi incorporada ao código penal na Argentina, mas o país matava todos os dias (mortos sem cadáver), sem processo ou sentença e naquele momento o humor negro de Buenos Aires dizia que os argentinos estavam divididos em “aterrados, encerrados, enterrados y desterrados.” Para o autor, o Chile não tardou a imitar este procedimento bem-sucedido, sobretudo porque a política de desaparecidos evita escândalos e perguntas,

Un solo fusilado puede desencadenar un escándalo mundial: para miles de desaparecidos siempre queda el beneficio de la duda. Como en Guatemala, parientes y amigos realizan la peligrosa peregrinación inútil, de prisión en prisión, de cuartel en cuartel, mientras los cuerpos se pudren en los montes y en los basurales. Técnica de las desapariciones: no hay presos que reclamar ni mártires para velar. A los hombres se los traga la tierra y el gobierno se lava las manos: no hay crímenes que denunciar ni explicaciones para dar. Cada muerto se muere varias veces y al final sólo te queda, en el alma, una niebla de horror y de incertidumbre. (GALEANO, 2011, p.11)

⁶ Relato presente na obra *Días y noches de amor y de guerra*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2011.

Esta prática objetivava projetar incerteza nas pessoas que reclamavam o desaparecido. Ao sumir com o cadáver, jogando no mar ou queimando, o sistema intencionava extinguir qualquer vestígio de existência, “mesmo quando foi enterrado clandestinamente, não passou de um registro impessoal” E até o nome da vítima era expropriado, tratando-a como coisa, sem direito ao resgate de sua identidade. A política de desaparecimento traduz um fato inédito, pois além de executar alguém, ainda lhe nega a possibilidade de morrer como ser humano, priva-lhe da própria morte quando subtraem os registros de quem morreu, quando, onde, como e porquê. (PADRÓS, 2007, p.116)

Seligmann-Silva (2003a, p.83) destaca que na América Latina, especificamente, as manifestações políticas da memória apresentam-se com mais dificuldade diante da figura do *desaparecido*, pois “essa prática destrói qualquer possibilidade de luto ligado a um determinado espaço, ela quebra a *cadre de la mémoire*”, ou seja, a ausência de cadáveres e documentos nas ditaduras dificultam a tarefa da memória, do historiador ou de qualquer outro que queira rememorar, registrar e denunciar o horror. Com ironia, Galeano expõe que o julgamento e a sentença eram imediatos. Os corpos eram jogados em qualquer lugar, com estratégias para que não pudessem ser identificados. Assim, os sobreviventes silenciam-se atemorizados.

Padrós (2007, p.117) cita a fala do general Videla ao tentar explicar, diante das câmeras de televisão, para jornalistas, o que era um desaparecido: “Enquanto estiverem desaparecidos não podem receber nenhum tratamento especial, [ele, o desaparecido] é uma incógnita, é um desaparecido, não possui identidade, não está morto nem vivo, está desaparecido”. Fato também narrado por Galeano na obra *Los hijos de los días*⁷:

Marzo

24

Por qué desaparecimos a los desaparecidos

En el día de hoy del año 1976, nació la dictadura militar que desapareció a miles de argentinos.

Veinte años después, el general Jorge Rafael Videla explicó al periodista Guido Braslavsky:

—*No, no se podía fusilar. Pongamos un número, pongamos cinco mil. La sociedad argentina no se hubiera bancado los fusilamientos: ayer dos en Buenos Aires, hoy seis en Córdoba, mañana cuatro en Rosario, y así hasta cinco mil... No, no se podía. ¿Y dar a conocer dónde están los restos? Pero, ¿qué es lo que podemos señalar? ¿En el mar, en el*

⁷ Esta obra é organizada em forma de calendário. Para cada dia e mês do ano o autor produziu uma história. No trecho citado, o destacado em itálico corresponde à fala literal do general Videla.

Río de la Plata, en el Riachuelo? Se pensó, en su momento, dar a conocer las listas. Pero luego se planteó: si se dan por muertos, enseguida vienen las preguntas, que no se pueden responder: quién mató, cuándo, dónde, cómo... (GALEANO, 2012, p.63)

Esta temática sempre foi presente nas narrativas do uruguaio, em *El Siglo del Viento*, Galeano (1986, p.210) afirma na região de Córdoba há um depósito de cadáveres, mas é um dos muitos existentes. Pois “En esta guerra santa, las víctimas desaparecen. A quien no se lo traga la tierra, lo devoran los peces en el fondo del río o de la mar. Muchos no han cometido más delito que figurar en una agenda de teléfonos. Marchan hacia la nada, hacia la bruma, hacia la muerte, previo suplicio en los cuarteles.” As autoridades não assumiram a responsabilidade pelo desaparecimento das pessoas, e não havia meios de provar a denúncia, pois não havia detido ou registro de assassinato. Era um método de repressão de anulação dos opositores políticos.

Em diversas obras, e também em *El Siglo del Viento*, na vinheta, de Buenos Aires, 1977, *Las madres de la plaza de mayo*, onde “mujeres paridas por sus hijos, son el coro griego de esta tragedia”, vivem segurando fotos de seus desaparecidos, peregrinam em quarteis, delegacias. Pela obstinação e pela espera “Las llaman *locas*.” (1986, p.215)

1977

Buenos Aires

Las madres de Plaza de Mayo,

mujeres paridas por sus hijos, son el coro griego de esta tragedia. Enarbolando las fotos de sus desaparecidos, dan vueltas y vueltas a la pirámide, ante la rosada casa de gobierno, con la misma obstinación con que peregrinan por cuarteles y comisarías y sacristías, secas de tanto llorar, desesperadas de tanto esperar a los que estaban y ya no están, o quizás siguen estando, o quién sabe: —Me despierto y siento que está vivo —dice una, dicen todas—.

Me voy desinflando mientras pasa la mañana. Se me muere al mediodía. Resucita en la tarde. Entonces vuelvo a creer que llegará y pongo un plato para él en la mesa, pero se vuelve a morir y a la noche me caigo dormida sin esperanza. Me despierto y siento que está vivo.

Las llaman *locas*. Normalmente no se habla de ellas. Normalizada la situación, el dólar está barato y cierta gente también. Los poetas locos van al muere y los poetas normales besan la espada y cometen elogios y silencios. Con toda normalidad el ministro de Economía caza leones y jirafas en la selva africana y los generales cazan obreros en los suburbios de Buenos Aires. Nuevas normas de lenguaje obligan a llamar Proceso de Reorganización Nacional a la dictadura militar. (106 y 107)

Las Madres y las Abuelas de la Plaza de Mayo estão presentes em outras vinhetas de *El Siglo del Viento*, sempre um registro do não esquecimento, daquelas que ainda



esperam, que buscam seus entes, que esperam pelo menos um corpo, uma notícia. Porque não sabem se eles estão presos ou mortos. A presença delas é uma presença da memória viva. De quem não se sujeitou, mesmo diante de imposições de silêncio. Galeano refere-se em uma narrativa a Alicia Moreau, participante de organismos de defesa dos direitos humanos, como figura resistente essencial para *Las Madres de Praza de Mayo*, não permitindo desistência, quando se sentiam vencidas pelo cansaço, pelo silêncio e pelo deboche. (1986, p.215)

Na narrativa *Las intrusas perturban una tranquila digestión del cuerpo de Dios* conta, durante uma missa, em uma grande igreja de Madri, estavam presentes diplomatas, empresários e militares, convidados pelo general Leandro Anaya, para festejar o aniversário da independência da Argentina. Galeano descreve com ironia o ritual próprio de celebração religiosa como essa. Quando chega a hora da comunhão, o embaixador aproxima-se do altar, rodeado de guarda-costas. “Se arrodilla, cierra los ojos, abre la boca.” Contudo, algo interrompe este ato solene e cristão, pois começam a surgir mulheres com lenços brancos na cabeça, que avançam pelas naves central e lateral da igreja, ocupando toda igreja, caminham suavemente, rodeando os guarda-costas, que protegem o embaixador: “Entonces lo miran fijo. Simplemente, lo miran fijo. El embajador abre los ojos, mira a todas esas mujeres que lo están mirando sin parpadear y traga saliva, mientras se paraliza en el aire la mano del sacerdote con la hostia entre dos dedos.” [...] “De pronto en el templo ya no hay santos ni mercaderes, ni nada más que una multitud de mujeres no invitadas, negras vestiduras, blancos pañuelos, todas calladas, todas de pie.” (GALEANO, 1986, p.221)

Em *Las Abuelas detectives* e *Tamara vuela dos veces*⁸, com a ditadura argentina já se desintegrando, Galeano (1986, p.237-238) narra como as avós da Praça de Maio continuam sua peregrinação incessante em busca de notícias e de reparação para os atos cometidos contra seus parentes, amigos. As avós continuam buscando seus netos perdidos, desaparecidos. Bebês que nasceram em campo de concentração ou que foram presos junto com seus pais e foram repartidos como “botín de guerra”, ou seja, como bens adquiridos do inimigo durante uma guerra, como produto de pilhagem, saque. Ficando muitos a cargo dos assassinos dos seus pais. E as avós, como investigadoras, vão em busca de qualquer pista, indício que possa ajudar a encontrá-los, e recuperaram

⁸ Nestas duas vinhetas temos história associadas. Uma narrativa em sequência. Demonstrando que apesar de ser uma obra com micro-histórias, possuem relação com outras e com o projeto macro da trilogia.



muitos. Uma dessas crianças é Tamara Arze, que desapareceu com um ano e meio e não está com os militares. “Está en un pueblo suburbano, en casa de la buena gente que la recogió cuando quedó tirada por ahí. A pedido de la madre, las abuelas emprendieron la búsqueda. Contaban con unas pocas pistas. Al cabo de un largo y complicado rastreo, la han encontrado.” Inicialmente, Tamara não quis saber de sua mãe, mas aos poucos, com as avós explicaram o que sucedeu, “que ella es hija de Rosa, una obrera boliviana que jamás la abandonó. Que una noche su madre fue capturada a la salida de la fábrica, en Buenos Aires...” Galeano continua a narrativa em *Tamara vuela dos veces*, contando que Rosa, a mãe de Tamara, foi torturada, sob controle de um médico, violada e fuzilada com balas de festim. Ficando presa por oito anos, sem julgamento e explicações. Até que a expulsaram da Argentina.

Ahora, en el aeropuerto de Lima, espera. Por encima de los Andes, su hija Tamara viene volando hacia ella. Tamara viaja acompañada por dos de las abuelas que la encontraron. Devora todo lo que le sirven en el avión, sin dejar una miga de pan ni un grano de azúcar. En Lima, Rosa y Tamara se descubren. Se miran al espejo, juntas, y son idénticas: los mismos ojos, la misma boca, los mismos lunares en los mismos lugares. Cuando llega la noche, Rosa baña a su hija. Al acostarla, le siente un olor lechoso, dulzón; y vuelve a bañarla. Y otra vez. Y por más jabón que le mete, no hay manera de quitarle ese olor. Es un olor raro... Y de pronto, Rosa recuerda. Éste es el olor de los bebitos cuando acaban de mamar: Tamara tiene diez años y esta noche huele a recién nacida. (GALEANO, 1986, p.238)

Considerações Finais

Para Galeano o sistema cria a maquinaria do medo, onde as pessoas são treinadas a temer a tudo, sendo, portanto, o alibi que necessita a estrutura militar do mundo. E as ditaduras militares na América Latina utilizaram desse artifício para manutenção e legitimação do poder. E utilizaram de todo tipo de violência que permitisse a instauração e permanência do regime militar, violento, arbitrário, legitimado pelo Estado – como o desrespeito à Constituição Federal; os Atos Institucionais; intervenção em sindicatos, associações estudantis; censura a qualquer posicionamento contrário ao regime; perseguição a intelectuais, artistas, jornalistas, considerados subversivos e perigosos ao sistema; ditadura do medo, para enquadramento da sociedade, deixando-a paralisada, calada. Assim, a prática de atos de violência, de tortura, não era a única arma do regime, mas também a criação de prisioneiros do medo em jaulas invisíveis, representando o sucesso da censura, onde cada cidadão se transforma em censor de seus

próprios atos e palavras, sendo seu policial de si mesmo, convertendo também em prisão os lares das pessoas.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. São Paulo: Unicamp, 2003.

GALEANO, Eduardo. *Memoria del Fuego III. El Siglo del Viento*. España: Siglo Veintiuno Editores, 1986.

_____. *Días y noches de amor y de guerra*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2011.

_____. *Los hijos de los días*. Espanha: Editorial Siglo XXI, 2012.

KOVACIC, Fabián: *Galeano. Apuntes para una biografía*. Buenos Aires, Vergara, 2015.

OVIEDO, José Miguel. *Historia de la literatura hispanoamericana*. vol. IV. De Borges al presente. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay...terror de Estado e Segurança Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à ditadura civil-militar*. [Tese de doutorado]. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

_____. A política de desaparecimento como modalidade repressiva das ditaduras de segurança nacional. *Revista Tempos Históricos*. Volume 10. 1º Semestre de 2007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/1229>. Acesso: 15/05/2015.

_____. Uruguai: Ditadura de segurança nacional e terror de Estado. In: PADRÓS, Enrique Serra (org.). *CONE SUL em tempos de ditadura: reflexões e debates sobre a História Recente*. Porto Alegre: Evangraf/UFRGS, 2013.

SCHELOTTO, Magdalena. La dictadura cívico-militar uruguaya (1973-1985): la construcción de la noción de víctima y la figura del exiliado en el Uruguay post-dictatorial, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Questions du temps présent, mis en ligne le 10 mars 2015. Disponível: <http://nuevomundo.revues.org/67888>. Acesso: 08 abril 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. São Paulo: Unicamp, 2003.